

UMA EXPOSIÇÃO DE  
BEL MATTOS

TRAMAS  
— DA —  
TERRA





UMA EXPOSIÇÃO DE  
**BEL MATTOS**

---

CURADORIA DE CÉLIA BARROS

ATELIÊ DE ETSER

DE 31/05 A 29/06

VARGEM GRANDE





# TRAMAS DA TERRA



8

APRESENTAÇÃO

10

TEXTO CURATORIAL

Célia Barros

12

OBRAS

44

UMA PEDAGOGIA DOS SENTIDOS:  
O PROJETO EDUCATIVO DA EXPOSIÇÃO  
TRAMAS DA TERRA

Cláudia Paranhos

46

ATELIÊ – A RESPIRAÇÃO DO PROCESSO

Bel Mattos

58

FICHA TÉCNICA

59

AGRADECIMENTOS



# APRESENTAÇÃO

**T**ramas da Terra propõe uma reflexão sensível sobre a relação entre o ser humano e os recursos naturais — uma relação que se faz urgente repensar em nosso tempo.

Instalada no espaço rural do Ateliê De Etser, em São José dos Campos, interior de São Paulo, a mostra integra arte, natureza e comunidade, reforçando a descentralização cultural e o diálogo com o território. Por meio de ações educativas e da promoção do acesso à produção contemporânea, a exposição se abre como um convite ao encontro.

Criadas com materiais como terra, fibras, troncos e cerâmica, as peças evocam texturas, pesos e contrastes que remetem à própria pele do mundo. A escolha desses elementos, no entanto, não é apenas estética: é também um apelo político e ecológico, um chamado à consciência e à ação em meio à emergência climática.

Nesse espaço onde a natureza ainda pulsa, Bel Mattos propõe uma escuta ativa da terra — não como recurso a ser explorado, mas como organismo vivo, feminino, generoso e ameaçado. Sua arte entrelaça saberes ancestrais e alertas do presente, em um convite à escuta profunda, à pausa, à presença.


“Vamos escutar a terra antes que seus fios se rompam.”

— Bel Mattos





Imagine uma velha,  
uma velha muito velha  
Uma velha senhora que nunca contou a idade,  
porque nela o tempo se conta pelos anéis de dentro  
ou pela erosão que movimenta o seu corpo.  
Há quem conte as idades destas mulheres pelo  
nível de dissecação, mapeando os traços das  
águas que as percorreram ao longo do tempo.  
O seu sangue, se preservado, pode revelar idas e vindas,  
contar-nos sobre tempos ressequidos ou do frio que passou.  
Idosa, ela acumula camadas fossilizadas de histórias.

 tecer entrama sentidos.  
As palavras tendem a definir  
e enformar enquanto  
a tessitura das tramas  
é efêmera e maleável.

No trabalho de Bel Mattos  
é difícil afirmar se uma cosmo-  
logia inspira o fazer artístico ou,  
se é no fazer e refazer-se, que  
se engendra um universo próprio  
cujas leis desconhecemos.

Se é que, por ventura, exis-  
tem normas, mandamentos  
ou dogmas neste mundo  
feito de mundos.

É provável, que cada obra trame  
ou desentrame urdiduras não  
ditas. Urdida, a palavra que  
por um lado fantasia e por  
outro conspira, pode ser o fio  
medular de um longo processo,  
que agora culmina nesta  
exposição, mas não o encerra.

Cada sentença proferida,  
carece sempre de alguma parte  
fundamental e complementar.

Terra, por exemplo, o que pode  
significar? Falamos de chão, de  
piso que sustenta vida ou seria  
o teto de uma existência toda  
subterrânea? É terra solo?  
Terra amanhada, organizada  
pelos saberes humanos ou terra  
que brota, que fala e germina  
para além das gentes?

Poderíamos nos referir  
a uma superfície limítrofe  
e infinita, como uma pele  
de mil camadas epidérmicas  
que se sobrepõem entre si e  
nenhuma delas é sem a outra.

A artista utiliza uma  
constelação de linguagens  
e afetos que se relacionam  
entre si e se acumulam  
materialmente no trabalho.

Tramas da Terra é uma exposição  
que se propõe a um contato  
intrínseco com a dimensão  
terrena dos organismos vivos.

Os materiais que compõem as  
obras evidenciam mutações cíclicas:  
terra e cerâmica, madeira e car-  
vão, dormente e cascas de árvore.  
Além de tecidos variados, linha de  
algodão, cera de abelha, sisal, juta,  
serragem, folhas e pedras de rio,  
a exposição dialoga ainda com o  
ambiente natural da paisagem que  
a rodeia, sujeita às oscilações de luz  
e calor, umidade e vento, tornando  
as obras vulneráveis a este diálogo  
permanente, do qual participam  
também os mais diversos seres.

É um trabalho processual que se inicia  
na observação dos ciclos, na coleta  
e acúmulo de resíduos materiais, pas-  
sando pelo processamento das fibras  
e pigmentos. Processos que requerem  
um tempo dilatado e que são atraves-  
sados pela depredação ambiental em  
curso. O apelo sensorial destes mate-  
riais orgânicos contrasta, portanto,  
com a denúncia que obras como Leito  
Seco - A queda dos fios do mundo  
e Crônica da Queima proclamam.  
Rios desertificados, florestas devasta-  
das fazem parte do nosso cotidiano  
e ameaçam todas as formas de vida.

São obras militantes que assina-  
lam as fogueiras da devastação  
das atuais políticas públicas e da  
avidez doentia que caracterizam  
a exploração imobiliária e os

modos de produção extrativistas.  
As tramas da terra seguem em outras  
tessituras, sugerindo olhares que culti-  
vem outras relações. Do Mesmo Barro,  
Outros fluxos é uma peça escultórica  
que usa como base um antigo dor-  
mente sobre a qual se assentam duas  
pequenas figuras cerâmicas. Seus  
corpos quase sem cabeça olham em  
direções opostas, não necessaria-  
mente complementares. Seres inaca-  
bados, com peito, barriga, tronco e  
membros inferiores, as duas criaturas  
parecem enraizar diferenças.

Na urdidura desse complexo sistema  
que sustenta as tramas da terra, há  
ainda o componente sacro, da pelve  
que germina e acolhe, onde a vida  
pulsa em eternos lapsos. Cinco escul-  
turas, cinco entidades. Reunidas em  
conselho, como matriarcas de um  
solo que sustenta e habita diferentes  
estratos da vida. Estas mulheres são  
nossas conhecidas, nossas esquecidas  
de tão presentes. As Velhas Senhoras,  
anciãs do tempo arcaico, que é o  
nosso também. Do tempo que espi-  
rala e se atualiza em conhecimento  
ancestral. Do tempo que espera e  
transforma. São as avós que seremos.

Célia Barros  
Curadora



# AS VELHAS SENHORAS

As Velhas Senhoras  
Instalação.  
Materiais: Terra, cerâmica,  
troncos, cascas de árvore, tecido,  
barbantes, fibras vegetais, elementos  
naturais, linhas e tecidos.  
Dimensões: medidas variáveis  
2025



Em círculo, cada ser traz em si uma voz, uma memória e um ensinamento. São as Matriarcas, evocando forças e sabedorias das culturas primevas, guardiãs dos saberes que atravessam o visível e o invisível. Senhoras que habitam os mundos de cima e de baixo, atuando no campo sutil: as Encantadas, mulheres-árvore, divindades que representam forças da natureza e aspectos da vida, e também as 'velhas' de sabedoria raiz, que caminham entre nós como parteiras, benzedeiros, curandeiras. Tecendo resistência, resiliência e tradição, guardiãs do princípio feminino que pulsa em toda existência, elas nos ensinam: descolonizar é reatar os laços umbilicais com a terra e resgatar os saberes ancestrais. Reconhecer-nos como parte da natureza, não como seus donos, é o único caminho e futuro possível.







# DO MESMO BARRO, OUTROS FLUXOS

Do Mesmo Barro, Outros fluxos  
Escultura.  
Materiais: cerâmica, dormente,  
linha de algodão e cera de abelha  
Dimensões: 41 X 16 cm  
2025

O corpo feminino não se assenta; suspende-se, transborda. O dormente, madeira fendida como terra ressecada, carrega em suas ranhuras a memória de um peso antigo: trilhos, passagens, corpos que atravessam e são atravessados.

Duas figuras de cerâmica ocupam as extremidades do bloco como sentinelas de um mesmo abismo. Nuas, sem rosto, são todas e nenhuma: seus seios, ventres e nádegas falam uma linguagem arcaica. Estão de costas uma para a outra, mas não estão sós. Seus corpos confessam um mesmo impulso: a queda como possibilidade, o vazio como lugar de germinação.

Aqui, o feminino não é delicadeza: é peso, é raiz, é ferida e cura escorrendo pelo mesmo sulco. As linhas vermelhas que descem dos sulcos são raízes, fluxo que escorre, menstrual e telúrico, lembrando que o sangue é também seiva.

A obra não fala de diferenças que separam, mas de fluxos que coexistem. São mulheres do mesmo barro, mas com modos de fluir diferentes. E é na madeira, nas linhas vermelhas e no vazio entre elas que se inscrevem as perguntas:



Pergunta-se não sobre diferenças, mas sobre quantos mundos cabem no intervalo entre um quadril e outro, entre uma queda e um enraizamento do mesmo útero de barro.

A pergunta não é mais sobre origem, e sim sobre direção: Quantos mundos cabem no espaço entre duas costas que se recusam a se olhar, mas nunca deixam de se sentir?

No fim, a obra não questiona a origem, mas celebra a travessia: duas mulheres feitas do mesmo fogo, assinando pactos diferentes com a gravidade e com os modos de existir.







# VESTÍGIOS E MEMÓRIAS



Texturas densas e rachaduras inscrevem a passagem do tempo. As terras, incorporam à obra matéria e memória geográfica do território. Emoldurados em madeira de demolição, cujas marcas guardam memórias, os painéis apresentam superfícies estratificadas onde a materialidade áspera constrói uma poética do efêmero através de fissuras e variações cromáticas. Processos naturais de secagem e fissuração tornam-se elementos constitutivos, fazendo do tempo coautor destes testemunhos vivos de deterioração e resiliência que transformam a ação temporal em linguagem material.

Vestígios e Memórias  
Técnica mista.  
Materiais: Terra argilosa, cerâmica,  
madeira de demolição, fibras  
e pigmentos naturais  
Dimensões: 34 x 34 cm  
2025



# LEITO SECO - A QUEDA DOS FIOS DO MUNDO

Nesta obra, a água, tema central, existe apenas por sua ausência. O que vemos são seus vestígios: as pedras carregam a memória da água que um dia as moldou. Agora repousam como fósseis de rios e ciclos interrompidos. Uma moringa vazia preserva memórias líquidas; fibras se desfazem como rios em desaparecimento.

Ao longo da exposição, a obra revelou seu caráter processual, redefinindo-se a cada dia pela transformação orgânica dos materiais que a compunham.

O sisal revelou sua dupla natureza de resistência e fragilidade. Movido pelas características naturais do material, pelo peso próprio e pela ação da gravidade, e, vez ou outra, acelerado pelos ventos, o conjunto de fibras compôs uma coreografia de queda.

Algumas se romperam, desfiando-se em fios cada vez mais tênues até repousarem no chão; outras persistiram suspensas como fiapos de resistência.

O chão acolheu esse desenho orgânico de restos. Alguns visitantes viram ali a beleza de um ninho; outros reconheceram os limites frágeis de um mundo em colapso.

No centro, a moringa: seu vazio ecoa não a falta, mas a memória ativa da água. Permanece como testemunha silenciosa, guardando não líquido, mas a potência do que um dia preencheu esses espaços. Um útero de barro vazio em um país que privatiza nascentes.

Ao seu redor, os seixos petrificados contam em silêncio a história dos fluxos perdidos. Como os rios que secam sem alarde, as fibras caíram sem intervenção, lembrando-nos que certos processos, uma vez iniciados, seguem seu curso irreversível.

Leito seco - A queda dos fios do mundo  
Detalhe  
Materiais: Fibra de sisal cardada,  
seixos de rio, moringa.







Leito seco - A queda dos fios do mundo  
 Instalação processual  
 Materiais: Fibra de sisal cardada,  
 seixos de rio, moringa.  
 Dimensões: diâmetro 2m por altura 4m  
 2025









# ARTE MENOR



O têxtil, o trabalho repetitivo e sistematicamente desvalorizado, aquilo que chamaram de “arte menor”. Fibras insurgentes afirmam sua desobediência material e natural. São corpos têxteis que resistem à domesticação, impondo a questão: quantas mãos femininas e geralmente anônimas são necessárias para transformar fios em obras de arte?



Arte Menor  
Objeto Têxtil.  
Materiais: Fibra de sisal  
cardada e linha algodão.  
Dimensões: 100 x 38 cm  
2025



# CRÔNICA DA QUEIMA

Esta peça é um arquivo do fogo. O cilindro de argila, texturizado como madeira e submetido a duas queimas (a doméstica do forno de baixa temperatura e a selvagem da fogueira), torna-se um **corpo político** e que fala de um país queimado — das queimadas na Amazônia ao fogo que consome memórias indígenas e arquivos históricos. O **vazio central** é deliberado: é o que fica após o incêndio, seja ele ecológico, social ou cultural.



Queria ter trazido  
os tocos de verdade.

Aqueles que ficaram pelo caminho:

— o da **Amazônia**, cortado pra virar cerca;

— o do **Cerrado**, que virou brasa no churrasco de grileiro;

— o da **Mata Atlântica**, que ninguém viu cair.

Mas minhas mãos são testemunhas fracas.

Não chegam onde o trator chegou.

Então fiz um toco de mentira –

de argila, de raiva, de memória roubada.

É falso como título de terra sem demarcação.

É frágil como lei que não se cumpre.

o toco queimei na fogueira

e o que você não vê queimar no noticiário

são a mesma coisa.

**Crônica da Queima**  
Escultura.  
Materiais: cerâmica de baixa  
temperatura, cascas de árvore,  
carvão vegetal  
Dimensões: 14 x 38 cm  
2025



ESTA OBRA É  
UM CORPO QUE  
SANGRA DADOS.



# CERIMÔNIA DO CARBONO

Performance | ± 17min | 2025

**Materiais:** Urna de cerâmica (23cm), seixos de rio inscritos com nomes de biomas, pigmentos orgânicos (carvão e vermelho monascus), tabaco, cinzas, ervas secas, chá de Tsunu, óleo de soja, papel, pira de fogo e textos impressos, incluindo os PLs 2.159/2021 (PL da Devastação) e PEC 48/2023 (Marco Temporal), entre outros.

“Cerimônia do Carbono” converte simbolicamente o plenário do Congresso em pira funerária, numa ação eco-ritualística que transmuta a destruição legal em um gesto sacro de luto ativo. O corpo da artista torna-se medium da crítica, com os dedos vermelhos, alusão ao sangue legislativo, e pés negros, que imprimem no espaço as pegadas de carbono de um desenvolvimento predatório. Na urna de cerâmica, material paradoxalmente mais resistente ao fogo que as próprias florestas, incineram-se leis que aceleram o ecocídio.

Por meio de uma coreografia ritual, que inclui um cortejo fúnebre e uma caminhada anti-horária, propondo uma descolonização do tempo, e a incorporação de gestos ancestrais como a oferta de tabaco, ervas ao fogo e chá de cascas de pau-pereira (Tsunu), planta medicinal e árvore sagrada para povos indígenas, a performance denuncia a violência do Estado contra biomas, povos originários e comunidades tradicionais.



Fotos de Juliana rosa e Liara Pinheiro











# PELE URBANA



O QUE ERA  
UM CORTE NA RUA  
VIRA UM CORTE NO TEMPO  
— ESSA MADEIRA  
É A PELE DA CIDADE

Estas cascas são provas materiais de podas não comunicadas e de árvores que tiveram suas raízes cortadas para se 'adequarem' às calçadas e tombaram; árvores transformadas em números em relatórios invisíveis. A madeira aqui não é suporte, mas testemunha. Estas peças têm CEP. Viviam próximas ao Shopping Colinas, vieram do Parque Industrial, do Jardim das Indústrias, do Jardim Alvorada, da Avenida Anchieta, da Av. Nove de Julho e de outros lugares de São José dos Campos - lugares onde alguém ainda lembra do nome das árvores. Amarrei-as como a cidade amarra suas justificativas: com nós cegos e pressa. Cada nó aqui é um protocolo não respondido.



Pele Urbana  
Instalação  
Materiais: Cascas de poda  
urbana e arame  
Dimensões: medidas variáveis  
2025







# RETÉ: CORPO-ARQUIVO

O urucum escorre como escrita ancestral - cada grão vermelho que atravessa a peneira do tempo reativa códigos apagados na pele. O vestido branco, página rasurada pela história, recebe a tinta vermelha das origens: urucum como histórias roubadas, sementes de Natiá como cordão que protege e que nunca se rompe. Ajoelha-se para escutar a terra ditar, em pigmento, as narrativas que o tempo não apagou. O urucum escorre como correção histórica: cada partícula vermelha que marca a pele é prova irrefutável de que o arquivo pessoal e de Pindorama está incompleto.

Quantos grãos de urucum cabem entre uma bisa indígena, uma avó cabocla e uma neta urbana ou seria mestiça e cabocla também?

Quantas peneiradas para filtrar a memória da diáspora indígena?

O joelho no chão é régua e compasso calcula o espaço vazio onde o fio vermelho, cicatriz que ancora, teima em não se romper.

Notas:

Reté: Nome recebido em batismo guarani pelo pajé e cacique Agostinho Karai Tataendy Oka em 2009, na aldeia Araponga (Paraty/RJ). Na cultura Mbya Guarani, "Reté" significa "corpo" e também se refere à terra.

Pindorama: Nome nativo para o Brasil, originário da língua tupi.

- Natiá: Nome indígena para a semente "Capim Rosário" ou "Lágrima de Nossa Senhora" ( Coix lacryma-jobi ).



Reté: Corpo-arquivo (série de 3)  
Fotografia - Registro de performance  
Materiais: urucum, peneira e sementes de natiá  
Fotografia: Helena Alves  
18 x 27 cm cada  
2025



# PERFORMATIVIDADE DA LINHA

Em Performatividade da Linha, exploro o ato de intervir na paisagem como um ritual de tradução, onde o fio colorido opera como linguagem.

Estas três imagens são as primeiras de uma pesquisa contínua com intervenções naturais que realizo desde 2013.

Propõem uma reflexão sobre a temporalidade: o gesto artístico permanece apenas no registro fotográfico, enquanto a natureza reassume seu curso. As linhas não colonizam o espaço, mas performam nele, desenhando experimentações, resistência e impermanência.

As fotografias documentam esse corpo a corpo entre o humano e o terreno, nas quais a linha é simultaneamente ferramenta e metáfora. A cor, escolhida com intenção, amplifica esse jogo. Cada linha se apresenta como fio de um diálogo possível, risco no mundo que lembra que toda fronteira é, antes de tudo, um convite à travessia.

Assim, a série inaugura um percurso investigativo em aberto, no qual a natureza deixa de ser suporte passivo para tornar-se coautora.



Performatividade da linha (série de 3)  
Registro de intervenção  
na natureza com linha  
18 x 27 cm cada  
Fotografia: Fabian Alonso  
2013



# CANTO

Uma mesa de madeira antiga, transformada em espaço sensorial e integrada ao programa educativo, convida o público a uma experiência tátil e íntima com os materiais que compuseram a exposição. Sobre sua superfície, Canto reúne pigmentos, terras, fibras naturais, linhas de algodão e cordas de sisal, vestígios do processo criativo que ganham nova vida sob o toque das mãos.

Acompanha a obra um livro de processos, aberto, que convida não apenas à leitura, mas a uma descoberta com as pontas dos dedos, estendendo a experiência para além do visual. Um convite à memória do fazer, ao diálogo entre matéria e gesto, e à ressignificação coletiva dos elementos.



Canto  
Instalação interativa  
Materiais: Livro de processos,  
pigmentos, terras, fibras, linha de  
algodão, cordas de sisal  
Dimensões: medidas variáveis  
2025



# UMA PEDAGOGIA DOS SENTIDOS: O PROJETO EDUCATIVO DA EXPOSIÇÃO TRAMAS DA TERRA

O projeto educativo da exposição Tramas da Terra, parte essencial da proposta curatorial, foi concebido como um dispositivo de sensibilização e transformação. A exposição individual de Bel Mattos visou a reflexão sobre a nossa relação com a terra, articulando arte, natureza, sustentabilidade e saberes tradicionais. Assim como as obras desta mostra, o educativo foi sendo aperfeiçoado com a participação da equipe no decorrer do processo. Acredito que, mesmo quando as diretrizes estão bem traçadas e embasadas em boas teorias, o processo é único e, se nos permitirmos, pode continuar a ser construído e lapidado ao longo do próprio percurso.

Tal como na vida, estamos sempre em mutação e adequação dentro do grande sistema universal. Nesse contexto, a feliz escolha do local da exposição fez toda a diferença na construção da proposta educativa, potencializando diálogos e vivências nos visitantes de um modo geral e, especialmente, nos grupos escolares e institucionais que participaram.

Com uma abordagem integral, inclusiva e sensível, o educativo buscou despertar no público uma REconexão com a natureza através dos cinco sentidos, criando experiências em que arte, corpo, memória e meio ambiente se entrelaçam. As ações foram concebidas para ampliar percepções, abrir escutas internas e externas, e provocar encontros entre o que é visto, ouvido, tocado, degustado e sentido, costurando pontes entre a exposição e os saberes cotidianos.

Um dos pilares do projeto foi a preparação da monitoria, que atuou como mediadora da experiência estética, sensorial e reflexiva. Os encontros de capacitação foram conduzidos com o objetivo de ir além da mera transmissão de informações durante as visitas-vivência, cultivando a observação atenta, a escuta profunda e o diálogo aberto.

Essa mediação incorporou recursos visuais, táteis, auditivos, olfativos e gustativos, tais como a mesa de pigmentos naturais manipuláveis, os sons ambientes da

natureza, a música e a sensibilização do paladar por meio de uma alimentação natural e afetiva, em diálogo com a exposição, transformando cada visita em um convite a uma experiência integral.

Outro destaque foi o processo cuidadoso de seleção e acompanhamento das instituições participantes, garantindo que cada grupo pudesse vivenciar plenamente a proposta, tanto em sua logística quanto em seu sentido pedagógico. O projeto também investiu em acessibilidade, preparando a equipe para acolher públicos diversos, incluindo pessoas com deficiência e idosos, assegurando que todos pudessem se sentir parte do mesmo tecido de experiências.

A escolha do local expositivo, em profunda sintonia com os elementos naturais, tornou-se um potente recurso pedagógico e poético: ao caminhar por um espaço que respira junto às obras e seus materiais — barro, terra, tecido, fibra —, o visitante foi convidado a refletir sobre os ciclos naturais e o tempo da criação, reconhecendo-se como parte viva de uma rede orgânica e interdependente.

Assim, o projeto educativo de Tramas da Terra não se limitou a acompanhar a exposição: ele foi seu prolongamento vivo, um fio condutor que trançou arte, natureza e humanidade. Investir em arte e educação, aqui, significou reconhecer o seu papel vital na construção de novas culturas de cuidado, pertencimento e regeneração — sociais, ambientais e afetivas.

Claudia Paranhos  
Coordenadora do Educativo





# ATELIÊ — A RESPIRAÇÃO DO PROCESSO

O ateliê é um corpo. Respira, acumula, transforma.

Incluir o ateliê e compartilhar poéticas do processo neste catálogo, seja através das imagens presentes nas próximas páginas ou dos textos que acompanham as obras, elementos que considero intrínsecos e radicantes do meu trabalho, vai além de mostrar narrativas, materiais e o local onde as criações foram concebidas e gestadas: é revelar uma respiração.

Para esta exposição, tive o prazer e o privilégio de contar com um ateliê em um lugar cercado pela natureza. Assim como o espaço expositivo que recebeu a exposição, também situado em um ambiente rural, ele estava aberto ao tempo, ao clima, às intempéries e à visita de animais.

Foi uma imersão de dias e noites entre a luz âmbar do outono, a claridade da lua e o bailar das mariposas. De certa forma, uma bênção e licença para falar e criar a partir da generosidade de Gaia.









Vejo e sinto o ateliê como um espaço alquímico e o útero de criações, onde materiais como terras, fibras, argilas e pigmentos mantêm seu pulso orgânico e seu tempo próprio. Mostrar esse percurso é assumir que a obra não se inicia no objeto final, mas no gesto de recolher, na observação paciente das texturas, no diálogo íntimo com a anatomia de cada elemento.

Aqui, o tempo desdobra-se em camadas. Existe uma diferença essencial entre o material industrializado e aquele que é extraído, preparado e transformado manualmente. A terra não é só cor; é memória geológica. As fibras não são meros fios; são vestígios e testemunhas de ventos e chuvas.

Trazer essa jornada ao catálogo justifica-se por ser ela parte inseparável da obra, um ritual que não pode ser suprimido sem se perder a vida nela contida.

O ateliê é o lugar onde os materiais ganham voz. Escutá-los demanda a paciência de um anatomista: decifrar a porosidade da cerâmica crua, a umidade precisa da tinta de barro, o ponto exato em que uma fibra cede sem se romper. Essa escuta transforma a prática artística em um ato de colaboração com o mundo natural, não de dominação.

Nesse espaço, o fazer é sagrado. Os gestos repetem-se como mantras: amassar, moldar, tingir, costurar, queimar. Ferramentas tornam-se prolongamentos do pensamento, tesouras que recortam o tempo, agulhas que bordam o invisível, cadernos onde ideias germinam antes de ganhar corpo. O ateliê não distingue entre caos e ordem; funde-os.

O que se exhibe na exposição é, portanto, um corpo em transição: vestígio de um processo que honra a lentidão, a imperfeição e a vulnerabilidade da matéria.

Ao mostrar os bastidores, reafirmo que a arte não é um produto, mas um organismo. E esta exposição, em especial, carrega essa verdade de modo visceral: as obras são frutos de um tempo dilatado, de uma mão que aprende a escutar a materialidade do que é natural, orgânico e vivo. O ateliê, então, surge no catálogo como um mapa de afetos, um convite para que o espectador veja, além da superfície, as raízes.

Nesse espaço, não se revela apenas o que a artista cria, mas como ela pensa, respira e se relaciona com o mundo através da matéria.





Confesso um fascínio especial por visitar ateliês. Esses espaços íntimos funcionam como biografias sensíveis, onde, para além das obras finalizadas, é possível desvelar o próprio artista. Entre potências e vulnerabilidades, cada mancha de tinta no chão, cada ferramenta disposta sobre a mesa, cada material guardado revela camadas do processo criativo que normalmente permanecem invisíveis ao público. Adentrar esse universo particular é testemunhar o humano em seu estado mais genuíno, com suas dúvidas, experimentações e descobertas.

Como artista, educadora e terapeuta, compartilho do desejo, e da necessidade, de pensar e viver o "estado de ateliê", nutrindo as capacidades criativas, as experimentações e expandindo o sentido da criação para além dos limites físicos e simbólicos do ateliê, do museu e da escola.

Trata-se de levar a criação para o cerne da existência, reacendendo nossa essência mais profunda. Dessa forma, damos voz e espaço aos encantamentos cotidianos, às experiências que nos atravessam, à memória, ao imaginário, à curiosidade, à presença, à descolonização do olhar, ao prazer e à intenção que nos impulsionam.

Há um chamado premente para que resgatemos e cultivemos, no tecido do cotidiano, a semente de um espaço-tempo dedicado ao ato de criar. Trata-se de fazer da experiência criativa uma dimensão integral da vida, acessível a todo instante.

Nesse território do fazer sensível, o jogo da criação tece relações profundas, dissolvendo hierarquias, entrelaçando identidades e fomentando um diálogo verdadeiro consigo e com o outro, trocas genuínas a qualquer momento, em qualquer contexto.

Bel Mattos





# BEL MATTOS

Artista visual, educadora e psicanalista brasileira (1984). Radicada na zona rural de São José dos Campos, interior de São Paulo, onde vive e trabalha. É licenciada em Artes Visuais, campo no qual deu início à sua pesquisa “Mulheres, Arte Têxtil e Ativismo”, e pós-graduada em Dança e Expressão Corporal. Atua como artista educadora orientadora de artes visuais no Programa de Iniciação Artística (PIÁ), da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, como produtora cultural no núcleo de criação Assaltocultural, e é fundadora do projeto Curumim Erezim, onde desenvolve ações poéticas e educativas voltadas às infâncias.

Seu corpo, mestiço e biográfico, é suporte e linguagem. Sua pesquisa relaciona gênero, sexualidade, autobiografia, corpo e ecofeminismo, transitando por diversas mídias, como arte têxtil, pintura, fotografia, escultura, instalação e performance. Dedicar-se também à pesquisa e criação com pigmentos vegetais e minerais, elementos naturais e cerâmica.

Sua prática e processos são também provocados e inspirados pelos trabalhos paralelos que desenvolve com mulheres nas áreas da saúde mental, sexual e reprodutiva, atuando como doula e terapeuta, assim como pela convivência e pelos estudos realizados junto a parteiras tradicionais e abuelas de Abya Yala. Sua trajetória e obras são profundamente atravessadas por ritos de passagem e entrelaçadas a questões ambientais e sociais, memória, espiritualidade, ancestralidade e corpo-território.

[www.belmattos.art](http://www.belmattos.art)





# FICHA TÉCNICA

Artista Bel Mattos  
@belmatttos

Curadoria  
Célia Barros  
@celocas\_\_

Produção Executiva e  
Expografia  
Fabian Alonso  
@fabian.alonso\_art

Coordenação do Educativo  
e Mediação  
Claudia Paranhos  
@claudiaparanhos.art

Acessibilidade  
Inclua-me - Marina Baffini  
e Lara Souto  
@incluame

Design Gráfico  
Lindsay Ribeiro  
@ribeiro.lindsay

Assessora de Comunicação  
Talita Melo

Monitoria  
Giovanna Moraes

Produção  
Mariana Diniz

Interpretação de Libras  
Rosicleide Magalhães  
Mateus Oliveira Martin

Assistentes da Artista  
Clara Oh  
Giovanna Moraes

Fotografia e videografismo  
Helena Alves,  
Liara Pinheiro

Montadores  
Caio Mazzoni  
Jonathan Macías

Oficinas  
Luciana Renna  
Bel Mattos

Assessoria contábil  
P S Serviços Contábeis  
projetosfmc.sjc@gmail.com

# AGRADECIMENTOS

De Etser Atelier  
Cutelo - Atelier Gastronômico  
Lucio Nunes - Reobote cenários  
Antônio Móveis Rústicos  
Ana Caldana  
Paulo Rosa  
Marina Duarte  
Letícia Paiola  
Mario Sapucahy  
Fabio Ramos  
Pedra Bel

Realização



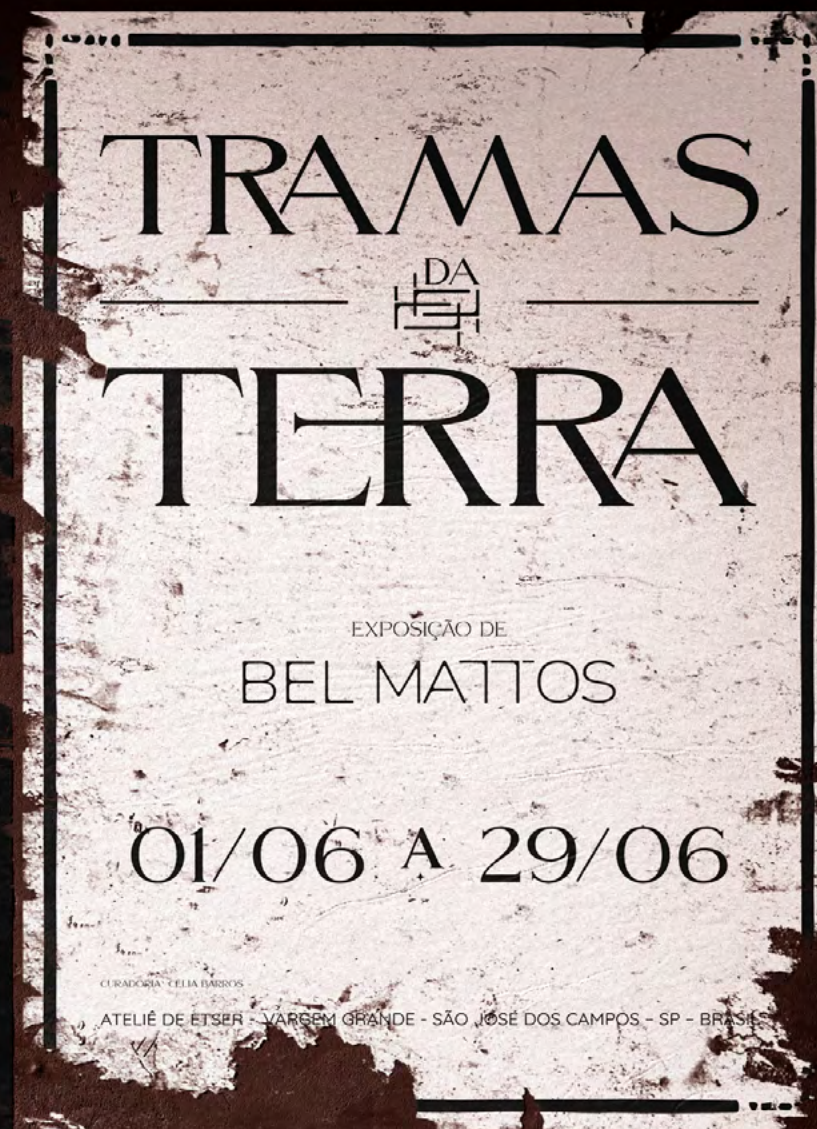
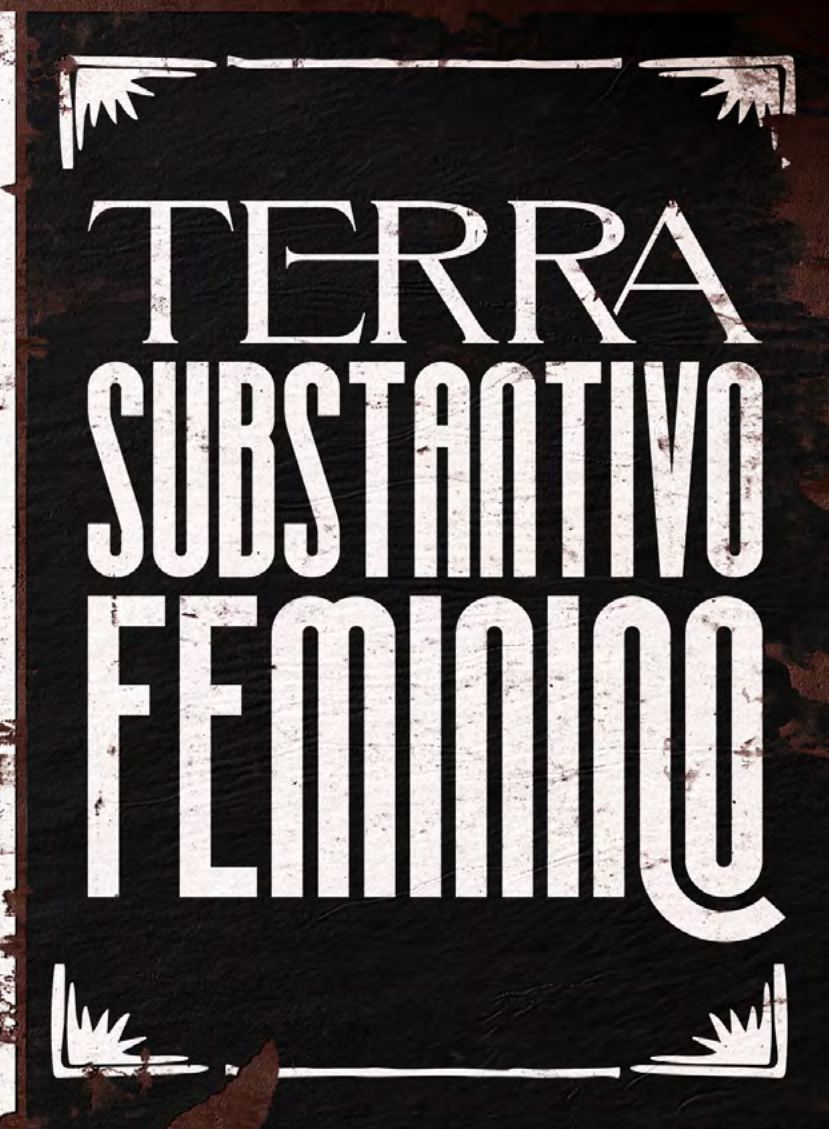
DE ETSE:  
ATELIER.

Financiamento



Tramas da Terra, proponente Maria Isabel de Matos - Edital n. 002/P/2024 do Fundo Municipal de Cultura - Criação e exposição em Artes Visuais Contrato n. 11/FMC/2024. O conteúdo desta obra é de responsabilidade exclusiva do autor e não representa a opinião dos membros do Conselho Gestor do Fundo Municipal de Cultura ou da Fundação Cultural Cassiano Ricardo.





Lambes criados  
exclusivamente para a  
exposição Tramas da Terra



O SEU SANGUE,  
SE PRESERVADO,  
PODE REVELAR  
IDAS COISAS  
SOBRE OS  
RESSEQUIDOS  
OU DO FRIO  
QUE PASSOU.

